

O primado da pedagogia da comunicação afetiva como via para o desenvolvimento da Mediação de Conflitos

Aluna: Marisa Targiano

Orientador: Abimar Oliveira de Moraes

Introdução

Na terceira etapa dessa pesquisa de fundamentação bíblica foi feita uma investigação sobre o modelo comunicacional predominante nas Escrituras Sagradas do Novo Testamento. A Antropologia Teológica reconhece que o conflito é proveniente das dificuldades que todos temos de concretizarmos uma experiência relacional interpessoal e comunitária com senso de alteridade.[1] Na carta aos Efésios 4, 22-24 Paulo alerta a comunidade que por causa do homem velho, modelo comportamental a qual estamos presos, não conseguimos apreender a gratuidade e por este motivo buscamos sempre compensações na convivência com os outros. Acrescenta que a violência é considerada a arma eficaz para defesa dos interesses e que o perdão, por implicar em amar com o coração inteiro se torna inviável. Já a injustiça se expressa sempre no exigir do outro aquilo que não lhe dá. No entanto o que mais compromete o homem novo aprisionado pelo homem velho é sobre tudo o medo do que ainda não conhece e o medo de fracassar. Já o Homem Novo, defende Paulo, sabe que ser pessoa é ser criador de si próprio à imagem e semelhança de Deus, e ser instrumento de humanização para os outros; sabe perdoar sem que se lhe peça desculpa, porque o seu perdão precede o arrependimento do outro; é acolhedor e tolerante. Não julga as pessoas pela aparência nem lhes põe etiquetas; é amável, ou seja, é uma pessoa digna de ser amada porque se torna fonte de vida e riqueza para aqueles que com ele se encontram.

O “velho” e o “novo” estão presentes na nossa vida por criando uma realidade tensa, dentro e fora de nós, pois mudança de vida implica em tensões e conflitos também na relação com os outros: agressões, incompreensões, rejeições.

Foi através de Jesus que Deus iniciou e proclamou o seu pacto de reconciliação, de superação do mal e da construção do seu reino de justiça e paz. O Evangelho do perdão é um dos esteios desta transformação do mundo e das pessoas. Aos seus discípulos e apóstolos, Jesus deixou o ministério da reconciliação e do perdão para que a nova dinâmica de vida comunitária fosse praticada com justiça e marcada pela paz.

Quando surgiram as primeiras comunidades cristãs e a igreja, esse ministério do perdão e da reconciliação passou a ser praticado quotidianamente. Desde o início os cristãos não conseguiram viver a comunhão com Cristo sem a prática do perdão, sem a experiência do “nascer de novo”(Jo 3,3).

O caminho para a comunhão com o próprio Deus foi aberto por Jesus ao praticar o perdão infinitamente e ao ensinar a perdoar sempre. Com o seu ensinamento Jesus comprometeu-nos com a transformação das pessoas e do mundo. Jesus anunciou e propôs a experiência do perdão de Deus já agora, mediada pela nossa prática do perdão nos relacionamentos.

Desde os primórdios do cristianismo somos desafiados e vocacionados para participar da obra transformadora de Deus como agentes de reconciliação. Aprendemos desde cedo a fazer isso ancorados a uma comunidade, pois é na prática espiritual

comunitária que percebemos não estarmos sozinhos; é na comunidade que podemos experimentar a comunhão uns com os outros, a presença viva de Deus através da ação do Espírito Santo reveladas em sinais e gestos que nos salvam diariamente.

Em comunidade aprendemos a amar e a perdoar. Em comunidade encontramos coragem e liberdade para perdoar infinitamente. Em comunidade percebemos o movimento de transformação do mundo realizado Deus. Verificamos que o perdão é parte essencial desta dinâmica da renovação da vida.

Objetivos

Identificar nos relatos bíblicos e na Antropologia Teológica fundamentação que refletisse os procedimentos que poderiam, hoje, constituir a teoria e métodos das técnicas da mediação de conflitos. Servir de fundamentação: na elaboração de ferramentas com o objetivo de proporcionar uma autêntica experiência comunitária eclesial e na capacitação dos agentes de pastoral a trabalharem com as vítimas de violência dentro e fora do ambiente eclesial.

Metodologia

A metodologia de pesquisa desenvolvida utilizou processos de aproximação para comparação entre os modelos de comunicação defendidos nas Sagradas Escrituras e os modelos vigentes que constituem os métodos acolhidos, segundo Malvina Ester Muskat[2], pelo Instituto da Mediação. Coube a este estudo identificar fundamentalmente a relevância dada à comunicação e a maturidade afetiva, presentes nos textos do Novo Testamento, nas práticas pastorais dos nossos tempos.

Conclusão

O modelo para a reconciliação que reconhecemos é a reconciliação com Deus através de Jesus Cristo, o supremo mediador.

O capítulo 1 do livro o Gênesis fala sobre a criação de Deus. Ele criou os céus e a terra e viu que o que criara estava “bom”. Então, resolveu criar o homem e a mulher e também os declarou “muito bons”. A humanidade vivia no paraíso sob as bênçãos de Deus (v.28). As pessoas tinham *shalom* (paz) com Deus, com o meio ambiente, umas com as outras e consigo mesmas.

Entretanto, em Gênesis 3, lemos que a criação de Deus foi danificada pelo “conflito” (pecado), que o *shalom* do jardim do éden foi destruído. As relações das pessoas com Deus foram rompidas. A Bíblia relata problemas interpessoais e quebras na comunicação. Adão e Eva discordaram quanto aos motivos de seus pecados. Seus primeiros filhos tiveram uma relação tensa e marcada por conflitos, que levou ao assassinato. E à medida que a população crescia se multiplicava a violência na terra, através de toda a história do Primeiro Testamento. O restante da Bíblia é um relato do plano de Deus para restaurar Sua criação atraindo-a de volta para a restauração da relação com Ele.

No livro de Isaías, capítulo 9, Deus anuncia pela boca do profeta a vinda de Jesus. No versículo 6 Ele é descrito como o “Príncipe da Paz”.

As coisas não melhoraram muito no Segundo Testamento. Os discípulos de Jesus discutiam entre si a respeito de quem seria o maior no reino do céu. Na igreja primitiva,

Ananias e safira mentiram, os judeus e gregos disputavam a respeito da doutrina. O apóstolo Paulo comenta em suas cartas a respeito da desunião da igreja e apela para a paz, cita na sua Carta aos Coríntios sobre o seu temor em visitá-los e encontrar “discórdia, inveja, animosidades, rivalidades, maledicências, falsas acusações, arrogância, desordens”, ou outras evidências de tensão interpessoal [2ª. Carta aos Coríntios 12,20]. O próprio apóstolo Paulo em suas atividades missionárias viu-se envolvidos em conflitos.

Apesar da Bíblia registrar muitos casos de dissensão, os conflitos interpessoais jamais são aprovados. Pelo contrário são condenados e ao mesmo tempo os princípios para as boas relações interpessoais são mencionados com frequência. O livro de provérbios nos instrui para refrear-nos de comentários mentirosos, difamantes, a falar com brandura e de modo agradável, a ouvir com atenção, a falar a verdade, a resistir à tentação da maledicência, a seguir a retidão e a confiar em Deus.

A ira descontrolada, palavras precipitadas, orgulho e desonestidades pessoais, inveja e cobiça pela riqueza, esses e vários outros atributos prejudiciais são citados como fonte de tensão. Talvez não exista na Bíblia outro livro que se compare a Provérbios em seus ensinamentos claros e consistentes sobre as boas relações interpessoais.

Shalom ou paz vem através da morte de Jesus na cruz. Na Carta de Paulo aos Colossenses, em seu capítulo 1, versículos 19 e 20, podemos ler “Pois nele [em Cristo] aprouve a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os do céu, realizando a paz pelo sangue da sua cruz”. Jesus traz a humanidade de volta à relação, perdida, com Deus, uns com os outros e com a criação como um todo.

Como cristãos devemos ter a missão de reconciliar as pessoas com Deus. No capítulo 5, versículos 18 a 20 da 2ª. Carta de Paulo aos Coríntios, ele nos diz: “Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação” (v.18). Ele nos chama de “embaixadores de Cristo” (v.20) para levarmos a mensagem de reconciliação com os outros.

A Bíblia nos mostra que as relações desfeitas são as raízes da pobreza, da marginalização e do conflito. Estamos vivendo num mundo em que a nossa desobediência à Deus tem nos levado ao egocentrismo, que resulta na exclusão, na desconfiança, na ganância e na injustiça.

No Segundo Testamento há muitas passagens em que a união cristã é realçada bem como são dadas diretrizes para vivermos em paz uns com os outros.

Existem alguns princípios bíblicos que devemos examinar para uma maior compreensão do porque os cristãos devem participar da missão da reconciliação.

Jesus diz a seus discípulos (Mateus 5,9) : “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”.

A pacificação faz parte do caráter cristão, apesar da nossa natureza pecadora que fez de nós perturbadores da paz, tanto hoje como no tempo de Jesus.

Pacificador é aquele que restabelece a paz. É necessário fazer as pazes, mas isto não é algo que simplesmente acontece. Por causa do egocentrismo, as pessoas perturbam a paz com frequência e com muita facilidade. Seja por meio de guerras entre

países, ou seja, através de conflitos entre pessoas.

Através do sangue de Cristo a relação das pessoas com Deus é restaurada, porém, nestes versículos de Mateus 5, deduzimos a preocupação de Jesus com a cicatrização das feridas que se fazem dentro da sociedade. Ele quer ver nossas relações restabelecidas e pressupõe que sejamos, todos nós cristãos, pacificadores. Aliás, a maior parte do Sermão da Montanha refere-se às relações interpessoais.

Os cristãos deveriam fazer as pazes entre si e também criarem oportunidades para que os não cristãos em conflito se encontrem e se reconciliem. Ao construirmos oportunidades para a reconciliação estaremos mostrando o poder reconciliatório do Evangelho de uma maneira visível. Para isso precisamos estar reconciliados com Deus. Jesus através do seu ministério final ensinou como reduzir os conflitos e a termos paz uns com os outros. Paulo adverte Timóteo para não entrar em contendas a respeito de assuntos sem importância [1Tm 6, 4-11]. Tiago faz advertência contra os que provocam brigas e conflitos por não controlarem sua língua [Tg 3, 8-12]. Jesus e os escritores bíblicos eram pacificadores que, pelo seu exemplo e exortação, esperam que os cristãos modernos sejam também pacificadores.

Deus nos criou à sua imagem, mas nos fez únicos. Não existem, no mundo, duas pessoas iguais. Todos temos uma identidade e somos diferentes dos demais; em parte, isso deve-se, à genética. Nossa identidade também pode ser formada pelo que vivemos e com quem vivemos, e se temos algo em comum com alguém, certamente teremos um melhor relacionamento com ele.

O desejo de pertencer a um grupo familiar, étnico, lingüístico, etário, mesmo sexo ou que tenham interesses semelhantes faz parte da natureza humana. Infelizmente quando dois ou mais grupos entram em contato, são celebradas as suas diferenças e não o que têm em comum, e até mesmo, com frequência, a identidade é desculpa para conflitos.

Os termos comunidade, nação e família são usados na Bíblia para descrever grupos de cristãos porque Jesus é capaz de unir pessoas diferentes e dar-lhes uma identidade comum [Gl 6,10; Hb 2,11; 1Pd 4,17; Gn 28,3; Gn 12,2; Gn 18,18; Dt 26,19 e 1Pd 2,9-10].

Na Bíblia, somos chamados, muitas vezes a amar o nosso próximo.

O Novo Testamento e o Instituto de Mediação de Conflitos partem do princípio que o diferendo é um fato da vida, pois são inerentes à condição humana já que as pessoas são diferentes umas das outras, possuem visão pessoal e particular de suas próprias realidades e por isso têm pontos de vista distintos e via de regra controversos. Em ambas as abordagens o conflito é observado de uma forma positiva e não como algo insuperável e por isso destrutivo. As situações de impasse são oportunidades de mudança e crescimento. Momento propício para construção de soluções criativas e participativas. Cabe destacar que nas Sagradas Escrituras o ser humano é chamado a ser solidário porque foi criado à imagem de um Deus solidário. A humanização passa pela relação pessoal com Deus e com os outros seres humanos. Co-humanidade é “ser e existir “com” e “perto” a outras pessoas. A alteridade se compõe de “ver e ser visto” e de “falar e escutar”. Já o Instituto da Mediação, apesar de essencialmente laical

fundamenta-se na inteligibilidade como ferramenta indispensável no processo de humanização das relações.

Referências bibliográficas

[1] *Ef.* 4, 22-24.

[2] MUSKAT, Malvina Ester. **Guia prático de mediação de conflitos**; 2ª Ed.; revista de SP: Sumus, 2008. 101p.

Bíblia de Jerusalém. Ed. Paulus, 9ª. Impressão, maio de 2000.

FABRIS, Rinaldo. **Atos dos Apóstolos**; 2ª. Ed.; SP: Edições Paulinas, 1984.

MAZZAROLLO, Isidoro. **Atos dos Apóstolos, A Bíblia Passo a Passo**; SP : Edições Loyola, 1996.

RUBIO, Alfonso García. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**; SP: Paulinas, 2008.

SAOÛT, Yves. **Atos dos Apóstolos**; SP: Edições Paulinas, 1991.

STORNIOLO, Ivo. **Como ler os Atos dos Apóstolos. O caminho do Evangelho**; SP: Paulus, 1993.